

## TRAVESSIA: A DESCOBERTA DE SI MESMO

## CROSSING: THE DISCOVERY OF YOURSELF

Francieli Cristina Miotto<sup>1</sup>

**RESUMO:** A ambigüidade é assunto recorrente em obras de escritores latino-americanos. Em Guimarães Rosa, a temática se evidencia no conto *Luas-de-Mel*, uma das epifanias presentes em *Primeiras Estórias*. Nesse conto, Rosa consegue tratar de assuntos e de idéias que são considerados opostos como: amor / guerra, brigas / casamento, jagunços / feminilidade. As personagens de *Luas-de-mel* se constroem e se identificam pela oposição, ou seja, só se estabelecem com presença da contrariedade; elas são a travessia, a terceira-margem.

**PALAVRAS-CHAVE:** travessia, ambigüidade, alteridade.

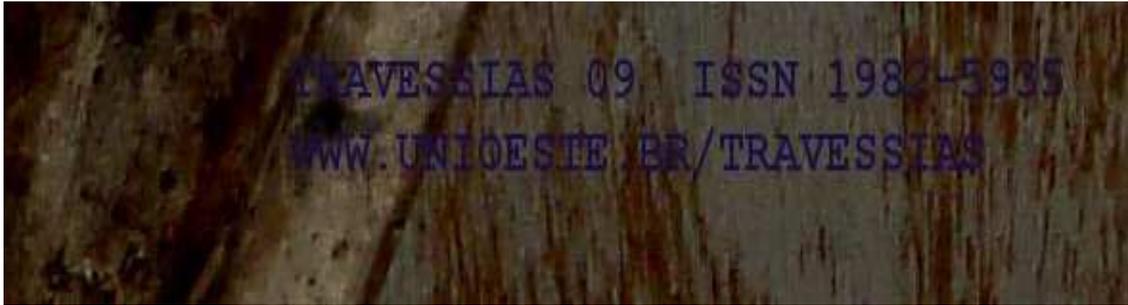
**ABSTRACT:** The ambiguity is a recurrent theme in works of Latin American writers. In Guimarães Rosa, the theme is evident in the tale *Luas-de-Mel*, one of these epiphanies in *Primeiras Estórias*. In this tale, Rose can talk about issues and ideas that are regarded as opposites: love and war, fights / marriage, gangsters / femininity. The characters are constructed and are identified by the opposition, or just settle with the presence of annoyance, they are crossing, the third-margin.

**KEYWORDS:** crossing, ambiguity, otherness.

A literatura de Guimarães Rosa gera o paradoxo, a contrariedade. Em *Primeiras Estórias*, o autor constrói 21 narrativas de modo a haver momentos de epifanias, em que seus personagens vivenciam situações de revelações existenciais. Os contos que dividem a obra *Primeiras Estórias* são: *Seqüência (X)*

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul – [franmiotto@msn.com](mailto:franmiotto@msn.com)



e *O espelho* (XI). Neles, simbolicamente, através do rio – sinônimo de recomeço – e do espelho – representação do duplo –, é apresentado o mundo da duplicidade e da ambigüidade do escritor.

Assim, a primeira metade de *Primeiras Estórias* se desenvolve sobre a temática da ambigüidade no mundo, podendo estar no olhar, na geografia. A segunda metade, por sua vez, a ambigüidade perpassa nas personagens, através da temática do duplo, da dilaceração do eu, tanto nas palavras quanto nos temas, como ocorre na obra de Jorge Luis Borges e outros autores latino-americanos.

Segundo Covizzi (1978) a ficção de Guimarães Rosa se levanta a partir de seu elemento fundante, ou seja:

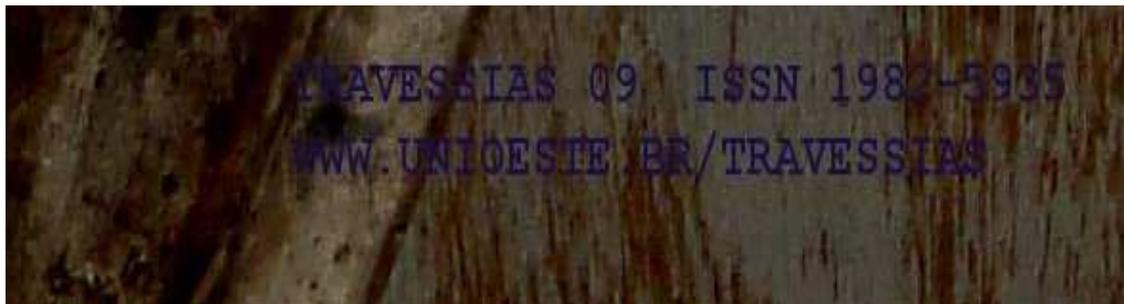
no enredo, no sentido etimológico da palavra, na composição de personagens em dúvida, em situações marcadas por paradoxos, acasos, absurdos, estranhezas, narrados, na sua grande maioria, numa perspectiva de semi-envolvimento cujo relativo afastamento da narração é dado menos por atitude crítica do que pela não compreensão da matéria que a compõe. (COVIZZI, 1978, p. 64)

Antonio Candido (1987) afirma que Guimarães Rosa pertence a uma fase literária super-regionalista, em que “opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo” (p. 162). Com isso, o autor de *Primeiras Estórias* consegue universalizar a região.

Em *Luas-de-mel*, conto da segunda metade de *Primeiras Estórias*, escrito em primeira pessoa, em que o narrador, Joaquim Norberto, vai se constituindo com o desenrolar das ações, tem-se uma narrativa de jagunços, de noivos, de casamento, de guerra e de luas-de-mel – o que ratifica a temática empregada por Guimarães Rosa: a ambigüidade.

Joaquim Norberto apresenta seu universo, a fazenda Santa-Cruz-da-Onça – um lugar no meio do nada, onde a defesa e o acautelamento não falecem de hospitalidades – já numa fase em que começa a questionar-se a respeito da vida, pois sente-se “meio relaxo, fraco”, declinando para “nãoezas”.

E é nesse “recanto”, vocábulo utilizado pelo narrador para identificar a fazenda, que esse lavrador, juntamente com sua mulher e seu filho passam os dias, dias esses somente de “nada vezes nada”. No entanto, como Joaquim Norberto assegura, já no primeiro enunciado: “no mais, mesmo



da mesmice, sempre vem a novidade”; ou seja, para Guimarães Rosa a mudança, a transformação, os descobrimentos são possíveis em qualquer espaço e tempo.

Em seguida, é anunciada a presença de alguns jagunços, trazendo a notícia de que um amigo estimado e “compadre” estava precisando resguardo para um casal fugidio. Assim, começa a movimentação no “recanto” de Joaquim Norberto.

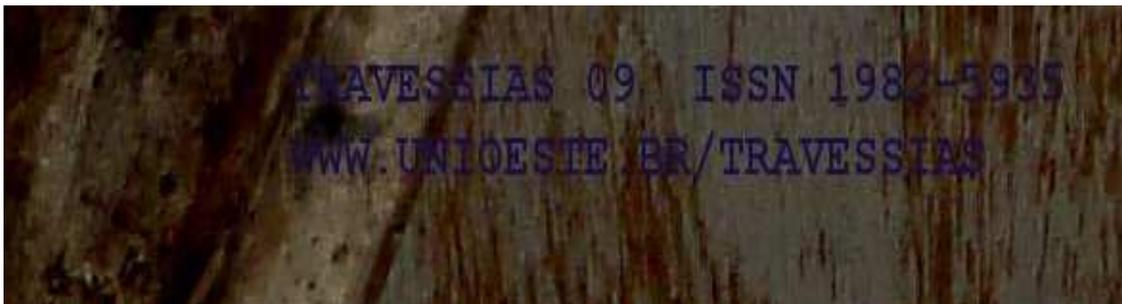
Com a novidade, Joaquim Norberto rememora suas ações passadas, de modo a ser possível construir o caráter do personagem: “Sou remediado lavrador, isto é – de pobre não me sujo, de rico não me emporcalho.”; “Sou mosquitinho em queixo de onça: não fiz celhas, não dei pasmo”; “Eu ponho a mesa e pago a despesa”; “Se ele riscou, eu talho”. Pode-se dizer, também, que é por meio da criação e descrição do personagem de Joaquim Norberto que Guimarães Rosa emprega alguns provérbios sertanejos em sua narrativa. Ele representa um elemento do sertão.

A narrativa é desenvolvida em um tempo cronológico, de modo que os fatos acontecem de sábado a terça-feira, mas também e, principalmente, psicológico, já que o narrador vai assumindo uma consciência reflexiva, e modificando-se, quando volta ao passado em suas recordações e memórias.

Outro fator que corrobora e sustenta a construção do caráter de Joaquim Norberto é a reiteração do nome de sua mulher, Sa-Maria Andreza. Ao longo do conto, o narrador refere-se a Sa-Maria Andreza 19 vezes, o que a torna personagem central da trama, já que é a partir dela que as mudanças vão acontecendo.

O narrador começa seu relato chamando Sa-Maria Andreza de “minha santa e meio passada mulher” (p. 106); “minha mulher” (p. 107); “minha correta mulher” (p.107); “boa companheira” (p.108); “minha mulher, me cuidava” (p. 108); “minha conservada mulher, em cozinhar se esmerava” (p. 109). Joaquim Norberto, nesses enunciados, demonstra a relação cotidiana de um casal que já está acostumado com a presença do outro, uma vez que destaca mais as atitudes dela para com ele: o ato de cuidar, cozinhar, ser companheira.

Com a chegada dos noivos e as arrumações para o “casório”, o narrador começa a mudar sua perspectiva em relação à esposa. Ela passa a ser: “mulher, sinceros carinhos lhe dava” (p. 109);



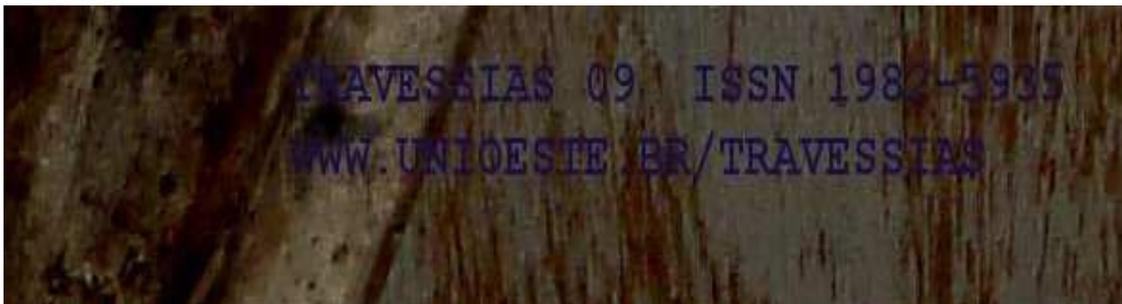
“minha, por mim também rezasse”. (p. 109); “minha mulher, com gosto dispôs o altar”. (p. 109); “minha Sa-Maria Andreza bem vestida, figuro também que até corada.” (p. 109); “minha sadia Sa-Maria Andreza – contemplada”. (p. 110); “mulher minha”. (p. 111); “minha Sa-Maria Andreza, mulher, me sorria”. (p. 111). Ele começa a nomear a esposa e outra relação começa a ser mostrada. Ele passa a observar não somente as ações dela, mas também o seu corpo, ou seja, começa a ver seus atributos físicos.

Ocorre, então, com o casamento, uma mudança em Joaquim Norberto. Ele passa a contemplar Sa-Maria Andreza como mulher, ou seja, o narrador descobre o feminino: “Sa-Maria minha Andreza me mirou com amor, ela estava bela, remoçada.” (p. 111); “Eu, feliz, olhei minha Sa-Maria Andreza; fogo de amor, verbigrácia” (p. 111); “Eu mais Sa-Maria querida Andreza.” (p. 112); “Sa-Maria Andreza, e eu, nós, a gente contemplava...” (p. 113); “Olhei minha Sa-Maria Andreza, que me olhava. Ai-de. Enquanto nada.” (p. 113); “Abracei minha Sa-Maria Andreza, a gente com os olhos desnublados.” (p. 113).

É necessário destacar o caráter possessivo de Joaquim Norberto, já que ao longo das reiterações de Sa-Maria Andreza adiciona o pronome possessivo “minha”. Com esse dado, é possível perceber que Joaquim Norberto pode ser considerado uma releitura de Paulo Honório, personagem de Graciliano Ramos, em São Bernardo, que representa um capitalista avarento cujo casamento ajuda a arruinar a sua vida. Joaquim Norberto, desse modo, representa o amadurecimento, já que consegue inverter esse arquétipo.

Quanto ao significado do nome de Sa-Maria Andreza, é possível observar, recorrendo ao dicionário de nomes, que Sa-Maria é reduzido de Santa-Maria, que dá um sentido religioso e espiritual à esposa; e Andreza é o feminino de André, nome que exprime extrema feminilidade, o que traz o caráter erótico e carnal da mulher de Joaquim Norberto. Assim, tem-se uma personagem que traz intrinsecamente o erótico e o espiritual.

Somente após a descoberta do feminino, Joaquim Norberto passa a ser nomeado. Inicialmente, ele se identifica como lavrador. Através do resgate das lutas enfrentadas, ele constrói sua identidade



jagunça. No entanto, somente no final da narrativa, ou seja, após desvelar a identidade de Sa-Maria Andreza que ele consegue autonomear-se: “Sou o que sou – eu – Joaquim Norberto.” (p. 112)

É importante salientar também que essa descoberta ou epifania existencial ocorre também por meio do olhar, visto que os olhos são responsáveis pela sedução, pelo mistério. Quando o narrador mira, olha, contempla Sa-Maria Andreza ele ascende a percepção de si mesmo e da relação com sua mulher. Bosi (apud NOVAES 1988) afirma que ao olhar dirigimos a mente para um ato de intencionalidade, sendo que por meio dessa ação é possível dar a essência humana significação e ser descoberto o amor. Ocorre, então, a descoberta do feminino, do amor, do outro, de si mesmo.

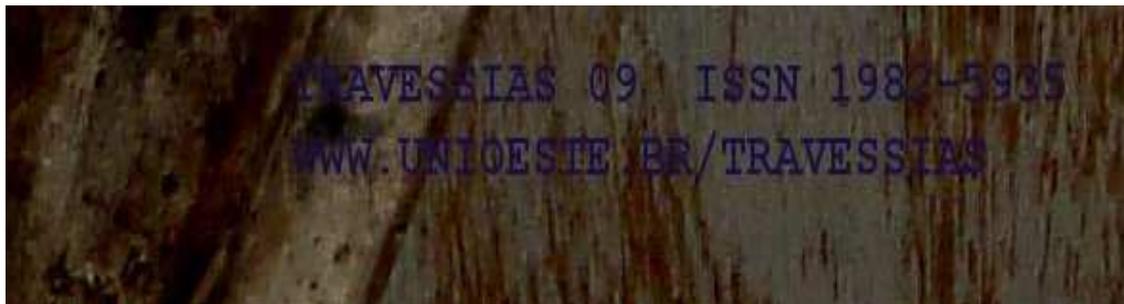
O narrador, Joaquim Norberto, inicial, que andava “da cava para o valo” (p. 109), consegue descer “dos vales para os montes” (p. 110), de modo que um novo alicerce surge, tornando o “entrar em idade” em “outras mocidades”, para finalmente, sentir “o remerecer, como era de primeiro” (p. 111) tornando-se um “reboto, rebrotado” (p. 111).

Assim sendo, em *Luas-de-mel*, Guimarães Rosa recria o tema do amor. Acontecem, na verdade, duas luas-de-mel: a do noivo e da noiva, arquétipos, representantes da paixão, amor carnal, aurora; e, a de Sa-Maria Andreza e Joaquim Norberto que representam, em comparação aos noivos jovens, o amor espiritual, o anoitecer. Como o próprio narrador afirma: “As coisas que são para a aurora, são antes à noite confiadas” (p.111), ou seja, é possível fazer uma relação do dia-noite, do início-fim representando um recomeço. As próprias luas-de-mel constroem essa idéia, já que uma acaba gerando a outra.

Gonçalves (2006) afirma que

na literatura rosiana, o tema [amor] é recriado e adquire nuances que transformam uma história de amor em duas, culminando em duas luas de mel; a do casal novo que foge e é acolhido, a do casal mais maduro, que acolhe. Nos primeiros, a aurora de um novo amor que se constrói; no segundo, o entardecer de um amor maduro que renasce. (GONÇALVES, 2006)

Nunes (1976) confirma essa idéia destacando também que



o fogo do sexo que inflama o jovem casal fugido, transmite-se ao velho fazendeiro que lhes dá acolhida, nele reacendendo o antigo amor arrefecido pela sua companheira de muitos anos, Sá-Maria Andreza. O Noivo e a Noiva dessa estória, bem novos, juntam-se ao marido e à mulher, os donos da Fazenda, bem velhos, como a Aurora depois da Noite. (NUNES, 1976, p. 150)

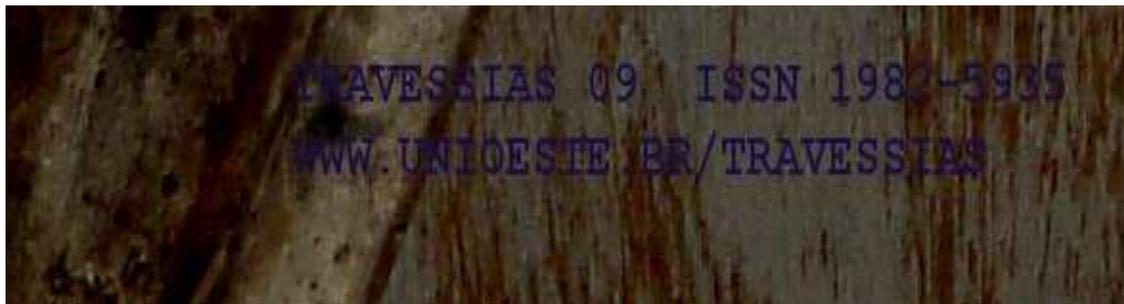
Chaves (1978) acrescenta que o tema do amor pode ser visto também no conto *Substância*, conto primo-irmão de *Luas-de-mel*. Em *Substância* “o amor, a simples união sexual ou o casamento e a constituição da família, é dado como uma ‘partida’ ou, pelo menos, aí tem a sua origem” (CHAVES, 1978, p. 91)

O amor em *Luas-de-mel*, mais voltado para o erotismo, é, para Guimarães Rosa, trânsito, travessia, percurso. Assim, somente nessa travessia que a fazenda Santa-Cruz-da-Onça, sinônimo de “recanto” (p. 106), já que esconde peripécias e aventuras, sendo também lugar de refúgio espiritual, torna-se um “recato” (p. 113), resguardando sexualidade e erotismo. Durigan (1985) afirma que um texto que tem como característica o erotismo ou melhor o texto erótico, não necessariamente imita a sexualidade, já que é sua metáfora.

Em *Luas-de-mel* o erótico acaba aparecendo ao lado da violência, da guerra, dos jagunços, de modo que vai se definindo a partir de um processo constitutivo, ou seja, por meio de elementos de configuram os personagens, como olhos, jeito de vestir-se. Como ressalta Durigan (1985) essa representação do erótico se constrói quase sempre a partir da transgressão de uma proibição, e a sua finalidade é a alcançar o prazer.

Esses componentes indicam uma natureza e uma função que distinguem as representações eróticas de outras que se utilizam da substância sexual. Ao invés de envolver o leitor no espetáculo sexual, como ator que dele participa (textos pornográficos), solicitam uma cumplicidade à distância e visam basicamente a um saber do querer, um conhecimento do desejo e do prazer, que no limite constitui uma forma de prazer. (DURIGAN, 1985, p. 91)

Guimarães Rosa apresenta, então, em *Luas-de-mel*, um conto que traz um espaço particular, sertão dos Gerais, retratando como ocorre a ordem e a conduta social, em um ambiente de jagunços



armados, prontos para entrarem em choque, onde a honra e a palavra ditam as leis. No entanto, ao resgatar a jagunçagem, o autor remonta a cavalaria medieval; o tema do amor dos noivos jovens que para concretização necessita vencer dificuldades de ordem familiar também faz com que seja retomada o amor romântico. Por meio disso, Guimarães Rosa atinge a literatura universal.

Chaves (1978) salienta que a concepção épica de cavalaria medieval através de jagunços é também o fio condutor do romance *Grande Sertão: Veredas*, “onde a estrutura literária está ancorada na influência das epopéias medievais e os jagunços freqüentemente repetem os seus modelos heróicos.” (CHAVES, 1978, p. 91) A respeito disso, Cavalcanti Proença também afirma que “o sentimento de honra – o orgulho da luta sem outro galardão além da glória – inflama os jagunços do Grande Sertão.” (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 170).

Assim, essa renovação de sentidos, ou seja, começos e recomeços, os fins que se revelam inícios, confirmam que a visão do mundo de Guimarães Rosa é a ambigüidade. A alteridade, ou seja, a descoberta do outro e a descoberta de si mesmo ocorrem nessa terceira margem.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

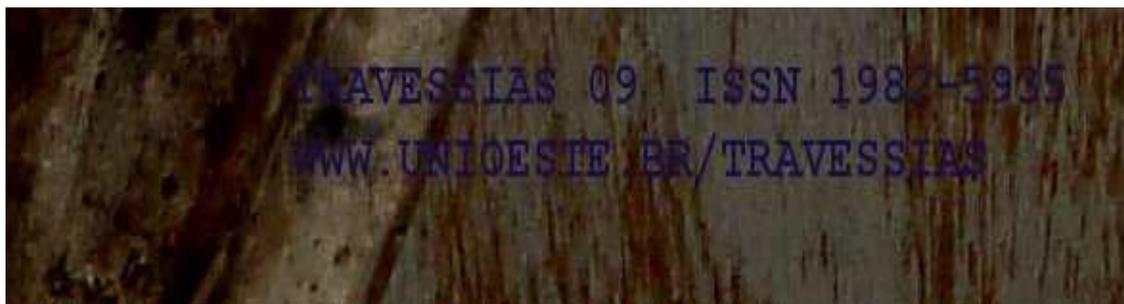
\_\_\_\_\_. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O brinquedo absurdo*. São Paulo: Polis, 1978.

COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1978.

DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1985.

GONÇALVES, Martha Augusta. Luas de Mel: nas malhas da sedução. *Terra Roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários*, v. 7, 2006. <http://www.uel.br/cchc/pos/letras/terraroixa>



NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Augusto dos anjos e outros ensaios*. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1973.

ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

\_\_\_\_\_. Luas-de-mel. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.